

A SALA DE AULA COMO ESPAÇO CONFLITANTE E CONSTITUINTE DA IDENTIDADE

CAROLINA LEAL ANDRADE¹; MARTA NÖRNBERG²

¹*Universidade Federal de Pelotas – carolandradi@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – martaze@terra.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Identidades. Esta é uma temática que considero complexa, mas, também, fascinante. Neste trabalho trago algumas pistas, baseadas em SILVA (2015), GOMES (2003) e CUCHE (1999), para pensar e, talvez, compreender alguns sentidos intrínsecos na palavra identidades. Para tanto, apresento o tema e o discuto a partir do desenvolvimento de um projeto didático, com uma turma de segundo ano, do ensino fundamental, no decorrer do estágio docente, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas.

O primeiro ponto que cabe salientar sobre identidade é de que ela não é fixa, imutável ou homogênea. Identidade é o inverso; ela é instável, contraditória e, sobretudo, inacabada, passando sempre por um processo de transformação. CUCHE (1999, p. 183) traz a ideia de que “a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais”. Em conformidade, LOURO (2000) constata que os sujeitos têm identidades transitórias e contingentes.

Identidade tem relação com cultura. Cultura aqui entendida, conforme ideias apresentadas por CUCHE (1999), como respeito à totalidade da vida social do homem ao longo do processo de construção da sociedade. Totalidade que engloba aspectos das vivências, das diferentes formas de compreender o mundo ou das características construídas e atribuídas aos sujeitos.

Sendo assim, se cultura se refere a totalidade da vida social, é inevitável não pensar a escola, entre tantos outros, como um espaço de produção cultural. Portanto, também, pode ser considerada um espaço que interfere na construção das identidades. Deste modo, a maneira como a temática é abordada na escola influencia tanto para valorizar as identidades e diferenças quanto para estigmatizá-las, discriminá-las e até mesmo negá-las (GOMES, 2003).

Se uma identidade pode ser negada, é notório que existe uma relação de poder, esta, determinante para que identidades adquiram um sinal negativo. SILVA (2015, p. 87) infere que “se um dos termos da diferença é avaliado positivamente (o ‘não diferente’) e o outro, negativamente (o ‘diferente’), é porque há poder”. Conforme a concepção pós-estruturalista do multiculturalismo, movimento de reivindicação dos grupos culturais dominados para terem suas formas culturais amplamente reconhecidas (SILVA, 2015), o discurso da diferença é socialmente produzido. Só existe uma diferença em relação a algo. Não se é diferente naturalmente, ou seja, “não se pode ser ‘diferente’ de forma absoluta; é-se diferente relativamente a alguma outra coisa, considerada precisamente como ‘não diferente’ ” (SILVA, 2015, p. 87).

Posto o modo como a identidade é constituída, a maneira como os discursos atuam sobre ela e outras particularidades que a retratam, busco indicar os pontos essenciais para o desenvolvimento de um projeto didático. Aqui, relato minha experiência de estágio e esforço-me para refletir sobre as mudanças que essa prática suscitou em minha identidade docente.

2. METODOLOGIA

Para levar essa discussão para a sala de aula foi escolhido o Projeto Didático, uma modalidade organizativa do trabalho pedagógico (NERY, 2007). O Projeto desenvolvido foi intitulado “Identidades”. Sua construção foi baseada em atividades propostas pelas estagiárias e em atividades pensadas a partir do quadro de cognição (descobertas) que, por ser construído com as crianças, indica suas curiosidades, que são articulados com os conteúdos, reorganizando as etapas subsequentes do projeto.

Como principais atividades do projeto destaco: autorretrato, construção e discussão sobre nome e sobrenome, descobrindo nosso corpo, a altura de cada um e as diferentes maneiras de ser família. Essas propostas objetivavam que as crianças construíssem conhecimentos e reflexionassem sobre si e seu corpo, bem como sobre as outras pessoas.

Durante apresentação às crianças e discussão do assunto, iniciou-se o preenchimento do quadro de cognição, composto por três campos relativos à temática: o que já sabemos; o que queremos saber; e como vamos saber. O processo de construção do quadro com a turma levou dois dias para ser concluído.

Ao questionar a turma sobre o que é identidade, foram obtidas as seguintes respostas: “É aquilo onde colocamos nosso dedo” e “tem uma foto”. Todos referiam-se ao documento, a carteira de identidade. Após, foi dito que a identidade diz respeito a quem se é, as características, gostos, entre outros elementos, que tornam cada indivíduo único. Durante essa conversa a turma trouxe frases, como: “se pode ser irmão gêmeo e gostar de coisas diferentes” e “alguns gostam de cebola, outros, não”. Além disso, foi constatado pelas crianças outras diferenças entre as pessoas: cada um tem um nome, uma altura, uma idade, um jeito de se vestir.

Seguindo o quadro de cognição, foram feitas indagações voltadas para “o que queremos saber”. Para minha surpresa, uma criança disse que queria saber o “por que *fulano* é tão agitado”. Minha primeira reação foi: “qual a relação do comportamento de uma criança com o assunto que estamos discutindo?” Reconheço que deixei passar este propício momento para um diálogo sobre identidades, explorando uma questão que estava tão próxima das curiosidades da turma.

Neste momento de incerteza, tive conversas esclarecedoras com as orientadoras de estágio, que foram fundamentais para que eu pudesse compreender o ocorrido. A partir dos diálogos feitos, passei a enxergar aquele questionamento da criança como uma característica das identidades, pois, o que é um comportamento senão um elemento identitário? Uma forma de ser, de agir, de se expressar. Se a maneira de se portar perante aos outros é um aspecto que compõe o sujeito, fica claro que comportamento é identidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, destaco um momento desenvolvido no decorrer do projeto didático, que, sob meu ponto de vista, foi o que gerou um debate mais significativo com a turma. Selecionei a atividade: “as diferentes maneiras de ser família”. Considero esta a atividade que mais se aproxima da discussão que proponho neste trabalho, em relação aos grupos identitários, apresentando um sinal negativo da diferença por meio de discursos que são produzidos e reproduzidos na sociedade.

O momento “As diferentes maneiras de ser família” foi trabalhado a partir do livro “O Grande e Maravilhoso Livro Das Famílias”, de Mary Hoffman. A obra discute sobre a presença, em livros antigos, de somente um modelo familiar, o tradicional, formado por pai, mãe, um filho e uma filha, afirmando que na vida existem famílias de todos os tipos (HOFFMAN, 2010). A obra ainda apresenta, com ilustrações, algumas das diversas formações familiares existentes.

Primeiramente, a turma foi questionada sobre o significado da palavra família. As respostas obtidas foram de que família é formada por pai, mãe, irmão, primo, avô, avó, bisavó e cachorro. Logo, foram projetadas para a turma algumas páginas do livro para promover um debate sobre as diferentes maneiras de se constituir um grupo familiar. Com isso pretendíamos conversar com as crianças sobre a não existência de uma única maneira de ser família. Para que haja família basta existirem pessoas que convivem, se respeitam e cuidam umas das outras, independente da configuração.

Ao projetarmos a obra, a turma concordava que algumas crianças vivem só com o pai ou só com a mãe. Mas, ao mostrarmos imagens de crianças que vivem com dois pais ou duas mães, houve um certo estranhamento da parte de algumas crianças da turma, que perguntavam/exclamavam, em tom de estranhamento e negação: “que!?” Outras, concordavam, sem grandes reações, que essa também era uma formação de família.

Acredito que a primeira situação, de crianças que vivem só com o pai ou só com a mãe, foi melhor recebida pela turma, por ser uma realidade vivenciada por algumas, tornando-se uma situação próxima da realidade da turma. Já o segundo momento, no qual foram mostradas imagens de crianças que têm dois pais ou duas mães, foi mais impactante para algumas. Em minha opinião, por não ser um cenário rotineiro para as crianças da turma, ou talvez por não ter sido propiciado a elas oportunidades de diálogos como este, tal como fizemos nesse momento do projeto didático, o estranhamento foi maior. Entretanto, após passada a reação de questionamento por parte de algumas crianças, todas participaram da conversa sem qualquer resistência ou oposição. A partir desse diálogo, surgiram questões sobre como famílias com dois pais e duas mães fazem para terem filhos. A turma constatou que alguns podem adotar crianças que vivem em abrigos ou crianças que são abandonadas nas ruas.

Na sequência da apresentação do livro, algumas crianças também revelaram situações que vivenciam, como o uso de drogas por algum familiar. As falas foram extremamente impactantes, para mim; mas, para as crianças parecia tão natural e espontâneo. Cada sujeito tem sua identidade e ela é constituída por meio de diferentes experiências vivenciadas, não sendo diferente para as crianças desta turma. Cada uma passou por diferentes situações; portanto, terão diferentes opiniões sobre qualquer que seja o assunto.

Em sala de aula todas essas identidades convivem e por vezes se confrontam, sem esquecer que a própria docente tem sua identidade. Mas, em sala, cabe a ela promover o diálogo, mostrar as razões pelas quais cada um tem seu ponto de vista e favorecer o ambiente para que as crianças exponham suas crenças e também suas dúvidas sobre as identidades. Fundamentada nas experiências vividas em sala de aula e certa de que elas me proporcionaram ampliar minha visão sobre o que é identidade e também sobre qual a minha própria identidade, procuro, na próxima seção, reflexionar sobre a relevância da temática.

4. CONCLUSÕES

O currículo é identidade. Entendo que a maneira como são abordados, em sala de aula, os saberes referentes às características e elementos que compõem o sujeito interferem diretamente na compreensão dos estudantes sobre o que devem ou não considerar “certo ou errado”. É preciso pensar que não vivemos em uma sociedade onde as relações se dão de maneira binária, pois existem tantas possibilidades para serem pensadas/discutidas. Como no exemplo das famílias, é preciso refletir: De que modo é possível considerar que o modelo tradicional (pai, mãe e filhos) é o certo e tudo que diverge dele deve ser considerado errado? Determinar isso é negar as identidades. Será que não devemos nos questionar sobre quem definiu isso? Se de acordo com SILVA (2015) entendemos que o discurso do diferente não é natural, mas que é socialmente produzido, e sendo este discurso determinante para que identidades sejam oprimidas e adquiram o sinal do diferente, de modo negativo, acredito que é papel da educação escolar produzir espaços de reflexão sobre questões identitárias que estão no campo do “certo e do errado”, do “bem e do mal”.

Todas as perguntas das crianças nos desestabilizam de alguma maneira. Não somente sobre o que é identidade, mas também sobre o que é ser professora. Não que eu acredite que seja papel da professora ter todas as respostas e *insights* no decorrer da aula, mas, penso que é necessário o exercício de um olhar sensível. Olhar que busca enxergar outras possibilidades e indagações, além de estereótipos. Ter esse olhar significa estar atenta às oportunidades que surgem em sala de aula, por meio das dúvidas ou atitudes das crianças, promovendo discussões a partir dos próprios episódios da sala de aula. Contudo, é necessária disposição e sensibilidade para perceber essas ocasiões favoráveis.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Trad. de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.
- GOMES, N. N. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan. /jun. 2003.
- HOFFMAN, M. **O grande e maravilhoso livro das famílias.** Trad. de Isa Mesquita. São Paulo: Edições SM, 2010.
- LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- NERY, A. Modalidades organizativas do trabalho pedagógico: uma possibilidade. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL S. D.; NASCIMENTOS, A. R. do. (Org.). **Ensino fundamental de nove anos:** orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 135 p.
- SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade.** Uma introdução às teorias do currículo. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.